

# Jacarecanga

CLÁUDIA LEITÃO



Coleção Pajeú



# **Jacarecanga**



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,  
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza  
**Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra**

Vice-Prefeito de Fortaleza  
**Gaudêncio Gonçalves de Lucena**

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza  
**Francisco Geraldo de Magela Lima Filho**

Secretária-Executiva  
**Paola Braga de Medeiros**

Assessora de Políticas Culturais  
**Nilde Ferreira**

Assessor de Planejamento  
**Inácio Carvalho de A. Coelho**

Assessora de Comunicação  
**Paula Neves**

Assessor Jurídico  
**Vitor Melo Studart**

Coordenadora de Ação Cultural  
**Germana Coelho Vitoriano**

Coordenador de  
Criação e Fomento  
**Lenildo Monteiro Gomes**

Coordenador de Patrimônio  
Histórico e Cultural  
**Jobert José de Souza Pinto**

Coordenador  
Administrativo-Financeiro  
**Rosanne Bezerra**

Diretora da Vila das Artes  
**Claudia Pires da Costa**

Diretora da Biblioteca Pública  
Dolor Barreira  
**Herbênia Gurgel**

Secretário da Regional I  
**Guilherme Teles Gouveia Neto**



**Prefeitura de  
Fortaleza**  
Secretaria Municipal de Cultura  
de Fortaleza

Cláudia Leitão

# Jacarecanga



*Copyright* © 2015, Cláudia Leitão

Concepção e Coordenação Editorial  
**Gylmar Chaves**

Projeto Gráfico e Diagramação  
**Khalil Gibran**

Revisão  
**Milena Bandeira**

Fotos da Capa e Contracapa  
**Sheila Oliveira**

Consultoria Técnica  
**Adson Pinheiro/ Graça Martins**

---

*Catálogo na Publicação*

*Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 /801*

L 533 J Leitão, Cláudia

Jacarecanga / Cláudia Leitão. - Fortaleza: Secultfor, 2015.

80p.

(Coleção Pajeú)

ISBN: 978-85-420-0581-3

1. Memórias

2. Crônicas

3. Título

CDD: 869.4

---

## **Sumário**

Jacarecanga e a Memória do Passado 11

O Bairro 16

A Casa, a Vila e a Praça 24

Entre o Bom Pastor e o Morro do Ouro 41

A Educação 46

O Trabalho 53

O Lazer 60

A Partida para a Aldeota 64

Jacarecanga e a Memória do Futuro 66

Apêndice 71

Referências Bibliográficas 80



*Aos meus pais, Plinio e Ivany Leitão,  
residentes cordiais e anfitriões  
amabilíssimos de Jacarecanga.*





*Em janeiro de 1994, operários encarregados das obras do Serviço de Saneamento de Fortaleza- Sanear- encontraram sob o asfalto da Rua Adriano Martins, no bairro da Jacarecanga, centenas de ossadas humanas, sepultadas em vala comum e cova rasa. A comparação foi inevitável; era como se um misterioso campo de concentração nazista houvesse sido descoberto bem próximo ao centro de Fortaleza [...] Descobriu-se que os operários do Sanear haviam localizado parte de um cemitério histórico, onde foram enterrados milhares de mortos pela varíola, a terrível peste que assolara Fortaleza no final do século XIX.*

*Lira Neto*

*Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento de barbárie.*

*Walter Benjamin*





## Jacarecanga e a Memória do Passado



*A modernidade é a imersão cada vez mais profunda na matéria, é atrofia do espírito e perda coletiva da ‘rainha das faculdades’, a Imaginação.*

*Olgária Matos*

O que é a memória? Ou para que ela serve? Memória é lembrança, mas é também esquecimento. Daí sua importância na construção de nossas subjetividades. Sou o que lembro, mas também sou aquilo que esqueço, ou o que não quero lembrar. Mais do que o seu caráter monumental, o que me interessa, nos significados da memória, é ressaltar seu papel de produção de uma “arqueologia do social”:

Os desejos de criar as imagens de uma memória coletiva partilhável torna necessária a pluralidade e a convergência dos relatos de vida [...] Os traços mnésicos de um sujeito confrontam-se com outros, forjando a representação idealizante de um intercâmbio coletivo de memórias (JEUDY in LEITÃO, 2000, p. 14).

Enquanto processo e produto coletivo, a memória deve ser percebida, sobretudo, nas entrelinhas das narrativas, nos seus silêncios e esquecimentos. Quando Milan Kundera reflete sobre a memória, enfatiza um dos seus maiores pressupostos e, talvez, o mais ausente nas sociedades em que vivemos: o tempo. Não se trata aqui do tempo veloz no qual vivemos, tempo do fazer sem contemplar, do consumir sem refletir, do usufruir sem fruição. A memória necessita de lentidão, ao passo que carece de espaço para ganhar materialidade.

A memória também tem sido historicamente objeto de “asessias”. Quantas vezes já ouvimos a expressão “limpeza da memória”, como se pudéssemos livrá-la de suas impurezas, como se fôssemos capazes de organizá-la em gavetas, como se faz com roupas lavadas? A obsessão de se construir uma “memória branca”, que nos impede de “voltar à cena do crime”, é a responsável por retirar de nós a *anima* do viver:

[...] a volta aos lugares abandonados sustenta-se desse renascimento alegre do olhar que se esquiva à petrificação da lembrança. O prazer não vem da restituição integral e verídica de uma coisa perdida, mas da irrupção de imagens sempre novas produzidas pela reiteração (Id. Ibid. p.13).

Memória é menos conservação do que invenção. E mais, a memória projeta, recria e refaz, a partir das circunstâncias e ao sabor do acaso. Por isso, sua acidentalidade não interessa ao *ethos* moderno, que trata o passado como “aquilo que deixou de ser”. As representações modernas da memória perverteram o passado, reduzindo-o e apequenando-o diante do presente. Não seria exatamente o inverso? O movimento da memória (BERGSON in LEITÃO, Id. Ibid. p.15) não deveria ser reconstituído muito mais da lembrança à percepção do que o do presente para o passado?

Completar uma lembrança com detalhes pessoais não consiste, de modo algum, em justapor mecanicamente lembranças a esta lembrança, mas em transportar-se a um plano de consciência mais extenso, em afastar-se da ação em direção ao sonho. Localizar uma lembrança não consiste também em inseri-la mecanicamente entre outras lembranças, mas em descrever, por uma expansão crescente da memória em sua integralidade, um círculo suficientemente amplo para que esse detalhe do passado aí apareça [...] A inteligência, movendo-se a todo instante ao longo do intervalo que as separa, as reencontra, ou melhor, as cria de novo sem cessar: sua vida consiste neste próprio movimento.

Faço, portanto, desde já, uma advertência ao leitor dessas minhas pequenas e singelas memórias. Ao escrever sobre Jacarecanga, não produzo “memórias brancas”. Pelo contrário, elas estão carregadas, impregnadas e atravessadas por vozes, cheiros, gostos, lugares, sensações, sentimentos e afetos. Vivi em Jacarecanga, ao mesmo tempo, os meus primeiros anos de vida e os últimos “anos áureos” do Bairro. O meu crescimento se fará juntamente com a sua decadência. E esse movimento estará presente ao longo da minha narrativa, a partir da fusão e da (con) fusão de imagens que reconstituo sobre mim em Jacarecanga e de Jacarecanga sobre mim.

Enfim, minha escritura não é histórica, nem sociológica, tampouco econômica. Escrevo, isto sim, pelas mãos da criança que fui em Jacarecanga. É ela que me conduz aos lugares abandonados, aos meus “quartos escuros”, mas que também ilumina os jardins, terraços e quintais nos quais cresci.

Como um pintor impressionista, que ao produzir um quadro, necessita aproximar-se e distanciar-se incessantemente dele (o mesmo processo que se dará com o indivíduo que irá contemplá-lo...), assim faço eu, com as minhas memórias de Jacarecanga. Para escrevê-las, também eu exercitei incessantemente o afastamento e a aproximação física e imaginária do Bairro, para vê-lo melhor e, assim, reconstitui-lo e reinventá-lo para os leitores desse livro.

É desse modo que (re)visito Jacarecanga, através do sabor “proustiano” das madalenas que minha mãe cozinhava, do cheiro forte das castanhas de caju da Brasil Oiticica, das vozes femininas que me contaram histórias de “trancoso” à boca da noite, como Manuel Bandeira chamava a hora do crepúsculo. Neste ir e vir das minhas memórias, quanto mais antigas as imagens de Jacarecanga, mais atuais elas são para mim; quanto mais inconscientes ou imperceptíveis, mais fortes e significativas elas se tornam para a minha vida. É assim e assim será.



## O Bairro

*Distante da cabana se elevava à borda do oceano um alto morro de areia; pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavam os pescadores Jacarecanga.*

*José de Alencar*

Jacarecanga ganha configuração de bairro em torno de 1910. Nessa época é considerado pelos fortalezenses como um lugar de veraneio, um território de chácaras verdes, sombreadas por árvores frutíferas, próximas de um riacho buliçoso (que leva até hoje o nome do Bairro) e não distantes do mar. A partir dos anos 1940, a região passa a receber famílias abastadas, que deixam de residir no Centro, para abandonar o burburinho das atividades comerciais da Cidade. A decisão é acertada. O lugar é mesmo aprazível, acolhedor e geograficamente bem situado.

Bem antes de se tornar um bairro importante de Fortaleza, Jacarecanga já estaria presente, como um lugar mítico, na obra magistral de José de Alencar, *Iracema, a lenda do Ceará*:

Distante da cabana se elevava à borda do oceano um alto morro de areia; pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavam os pescadores Jacarecanga. Do seio das brancas areias escaaldadas pelo ardente sol, manava uma água fresca e pura; assim destila a alma do seio da dor lágrimas doces de alívio e consolo. A esse monte subia o cristão, e lá ficava cismando em seu destino (ALENCAR, 2005, pp. 279-281).

O “cristão” ao qual Alencar se refere, em 1865, ano de publicação do romance, é Martim Soares Moreno, o “guerreiro branco”, símbolo maior na obra alencarina do português colonizador, que chega a essas terras para explorar as riquezas do Novo Mundo, miscigenando-se às populações locais.

Na sua epopeia das Américas, Alencar descreve os caminhos de Moreno, que traz Iracema, filha de Tupã, das serras e sertões do Ceará ao monte Jacarecanga, (cujo nome quer dizer “cabeça de jacaré”). E é nesse monte, ou melhor, em uma duna à beira-mar que, segundo o romancista, o colonizador teria parado para refletir sobre o seu destino, descortinado o Atlântico, sentido saudades de sua terra natal e imaginado levar sua esposa ao encontro de suas origens europeias. É também, com os pés plantados em Jacarecanga, que Moreno tem o presságio de que esse encontro nunca se fará. No romance, Iracema morrerá

após o nascimento do filho, e o guerreiro voltará ao Velho Mundo somente com Moacir, o “filho da dor”.

José de Alencar não poderia ter se utilizado de uma imagem mais poética para descrever as futuras contradições de Jacarecanga: lugar de chegadas, mas também de partidas, território para viver, mas também para morrer. Jacarecanga, como o Ceará, nasce de uma lenda e essa lenda prenuncia as suas origens, mas, especialmente, o seu destino.

Embora considerado o primeiro colonizador da Capitania, por ter organizado em torno da Barra do Ceará um primeiro núcleo urbano, quando de sua vinda às terras cearenses, na primeira expedição de Pero Coelho, Martim Soares Moreno não conseguirá plantar em Jacarecanga as necessárias raízes para o surgimento de uma futura vila, que acabará nascendo, mais tarde, em torno do riacho Pajeú. No entanto, será ele o legítimo fundador da Capitania do Siará. Em Moreno, há elementos míticos e históricos de sobeja, para imaginarmos, ou “imagearmos”, o Ceará e os cearenses:

[...] Ergueu em 1611 o Forte de São Sebastião [...] e fundou uma aldeia em honra a Nossa Senhora do Amparo [...] e dominava os mistérios da língua tapuia... Por ordens da Corte tomou para si a tarefa de enfrentar as acometidas de outros povos europeus na região [...] Ausentou-se do Ceará em 1613, em direção do Maranhão com o objetivo de

abrir caminho para a missão do mameluco Jerônimo de Albuquerque, encarregado de expulsar os franceses [...] Após escaramuças com os gauleses, sua embarcação foi envolvida por ventos desfavoráveis e foi dar com os costados na ilha espanhola de São Domingos, hoje Haiti. Seguiu-se então uma série de episódios rocambolescos, que incluíram o ataque de um navio francês à embarcação que o levava de volta à Europa. Na luta recebeu 23 ferimentos, levou uma cutilada no rosto e teve uma mão decepada. Preso, foi condenado na França à pena capital pelas mortes que cometera no Ceará e no Maranhão. Solto dez meses depois, gastara todo o dinheiro com apelações e pedidos de revisão da sentença. Em 1619, atendendo-lhe os apelos de ‘ajuda de custo para remediar suas misérias, necessidades e dívidas’, o rei Dom Felipe II concedeu-lhe a carta-patente de capitão-mor da Capitania do Siará (LIRA NETO; ALBUQUERQUE, 2014, p. 21).

O Martim Soares Moreno, das crônicas do Brasil Colônia, é um personagem muito distante do “guerreiro branco” de Alencar, mas nem por isso menos interessante. Ele possuía o caráter sanguinário do colonizador, mas também a astúcia que apreendeu do autóctone. O açoriano, que se pintava de negro para atacar os franceses e que dominava línguas indígenas como se índio fosse, era, sobretudo, um

aventureiro, um espírito nômade e resistente às adversidades. Não poderíamos reconhecer, ainda hoje, nos cearenses, os modos de ser e de estar no mundo de Moreno?

Jacarecanga carregará consigo as contradições dos processos colonizatórios. A região atravessará a Colônia (como território de genocídio indígena), o Império (como repositório de milhares de cadáveres cearenses vitimados pela varíola) e a República (como um bairro industrial, ao mesmo tempo, operário e pequeno burguês) refletindo, em todos esses períodos, os paradoxos e os dilemas de Fortaleza. Talvez a imagem mais contraditória de Jacarecanga seja a de um conjunto arquitetônico elegante construído sobre uma “montanha” de ossos humanos:

Para se ter ideia da tragédia à época, basta dizer que em um único dia, 10 de dezembro de 1878 – quando a moléstia atingiu seu ponto máximo –, morreram na capital cearense nada menos de 1.004 pessoas de varíola. Era o “Dia dos Mil Mortos” (LIRA NETO, 1999, p. 11).

Esse eterno conflito entre o “paraíso perdido” ou a “terra sem mal” e o terreno marcado pela violência dos seus processos de ocupação (quase sempre apagados pela “memória branca” da História Oficial) acompanharão Jacarecanga ao longo de sua história.

Com a chegada de famílias, oriundas das elites agrárias, industriais e comerciais, nas primeiras décadas do século XX, Jacarecanga viverá, indiscutivelmente, um período de desenvolvimento e de embelezamento. Essas famílias encomendarão plantas específicas para a construção de suas casas, e a diversidade desses estilos arquitetônicos irá, aos poucos, emprestando ao Bairro um inegável *glamour*.

Um dos pioneiros na construção de palacetes em Jacarecanga será o engenheiro e antropólogo Thomaz Pompeu Sobrinho que, em 1929, fará erigir sua mansão na avenida Francisco Sá, número 1801. Sua arquitetura italiana, estilo *art nouveau*, encantará fazendeiros, barões, ministros e comerciantes que, por sua vez, construirão suas casas naquela vizinhança. Ao mesmo tempo em que os palacetes e mansões se multiplicam, o Bairro também começa a ganhar alguns espaços públicos, sobretudo praças e logradouros:

Para deleite dessa elite, em 1920, na primeira gestão do Prefeito Álvaro Weyne (1928-30), reformou-se a praça Coronel Teodorico ( após 1965, Praça Capistrano de Abreu, mais conhecida como Praça da Lagoinha – a praça foi construída sobre uma pequena lagoa), situada, exatamente, na entrada do refinado bairro Jacarecanga (BRUNO; FARIAS, 2011, p. 113).

Naquele período, a mobilidade entre os bairros acontecia através do bonde que já ligava o Centro à Praça do Liceu, garantindo o deslocamento dos seus residentes. Jacarecanga vai adquirindo as virtudes, consideradas necessárias, para se tornar um “bairro nobre” de Fortaleza: “[...] Situado na zona oeste, não era um bairro tão distante do Centro, o que permitia ainda aos setores abastados terem acesso às opções de consumo e lazer que, então, se concentravam na porção central da cidade” (BRUNO; FARRIA, 2011, p. 113).

As indústrias que ali se instalam, provocando o surgimento de vilas operárias, são fundamentais para o crescimento de Jacarecanga. Contudo, o desenvolvimento econômico é condição necessária, mas não suficiente, para o florescimento do Bairro. Além da crescente importância econômica, Jacarecanga também passa a ofertar outros serviços à população. Instituições religiosas, educacionais, sociais e culturais são também responsáveis pela qualidade da vida e pela autonomia do Bairro.

Entre residências, comércios, indústrias, escolas, cinemas, associações filantrópicas e movimentos políticos, sociais e culturais, Jacarecanga vai ganhando autonomia e personalidade. Seu perfil, algo aristocrático, não “pasteurizará” a diversidade cultural das populações que ali viviam. O bairro elegante conviverá com outros mundos. Essa convivência pode ser percebida de várias

formas: através da beleza dos túmulos construídos pelas famílias remediadas no cemitério São João Batista e pelo prestígio do Liceu do Ceará na sua tarefa de formar as elites cearenses, mas também pela vitalidade das vilas operárias (como a Vila São José) pela ação significativa das organizações religiosas e sociais (como o Bom Pastor, a Igreja dos Navegantes e o Asilo de Mendicidade) ou, ainda, pela presença de instituições do Estado (como a Escola de Aprendizes e Marinheiros).

Pequenos burgueses e operários, pescadores e professores, políticos e profissionais liberais, industriais e empresários, religiosos e marginais residiram em Jacarecanga durante várias décadas do século passado, fazendo dele um “bairro vivo”, onde, em certo momento da história de Fortaleza, era possível morar, trabalhar, estudar, passear e... protestar! Era assim.



## A Casa, a Vila e a Praça

*A vida fluía e refluía nas rodas de cadeiras nas calçadas – a cidade era ali filtrada, triturada, criticada.*

*Milton Dias*

Quando meu pai e minha mãe vieram morar em Fortaleza, vindos de Belém, no final dos anos 50, não titubearam em procurar uma casa para alugar em Jacarecanga. Morar ali ainda significava viver em um dos bairros mais elegantes da cidade. Afinal, o conforto e a dimensão generosa das residências, a cordialidade da vizinhança, o acesso aos serviços de saúde, educação e segurança, assim como a proximidade da praia, eram atrativos indiscutíveis. Mas, certamente, a proximidade da nossa futura moradia com o trabalho do meu pai foi o indicador decisivo da escolha.

Viveríamos em uma vila na avenida Francisco Sá, número 1833, casa C, a mesma avenida que levaria meu pai todos os dias à Brasil Oiticica (indústria de castanhas de caju), que também sediava o escritório das Tintas Ypiranga, empresa que pertencia a uma *holding* inglesa, cujo proprietário, naquela época, era Howard Burton Marvin. Durante praticamente toda a sua vida profissional, meu pai foi o

representante comercial das Tintas Ypiranga para o Ceará, assim como para outros estados do nordeste brasileiro.

O capitalismo dos anos 60, decididamente, não era o mesmo dos dias atuais. Imagine o leitor, que apesar de Mr. Marvin ser o único dono de um conglomerado de importantes empresas, esse fato não o impedia de jantar, quando vinha em Fortaleza, em nossa casa. Lembro-me dos cuidados da minha mãe nos preparativos para o jantar, das flores com as quais ela era sempre presenteada por ele, das rodadas generosas de uísque escocês, com o qual meu pai e o seu presidente brindavam os bons resultados das Tintas Ypiranga.

Anos depois, em uma volta ao mundo jogando golfe, Howard Burton Marvin morreria de um enfarto fulminante. Nesse momento, o Grupo Smith Corona compraria as Tintas Ypiranga, e nesses novos tempos, não mais haveria lugar para aquela proximidade, outrora vivida em Jacarecanga, entre patrões e empregados. Afinal, as grandes empresas se tornarão cada vez mais impessoais, com visões ainda mais pragmáticas, voltadas unicamente à “lógica dos meios”, como diria Celso Furtado, a respeito das civilizações industriais.

Naqueles anos, grande parte dos magníficos bangalôs de Jacarecanga pertencia à família Philomeno Gomes, e era diretamente com o proprietário, Francisco Philomeno Gomes (marido de Beatriz Gentil Philomeno Gomes), que

os contratos de aluguel dos seus bangalôs eram fechados. Alugar um bangalô em Jacarecanga significava, naquele tempo, observar o grau de conservação da madeira e da cerâmica do piso, as dimensões do quintal (para a futura instalação de um galinheiro), o arejamento dos quartos e, sobretudo, a qualidade da vizinhança. Em todos os quesitos, Jacarecanga foi aprovadíssima.

Em 1958, minha mãe, minha bisavó e meu irmão Jayme chegaram de Belém e vieram, diretamente do aeroporto Pinto Martins, morar em Jacarecanga. Um ano depois, eu também chegaria ali, desta feita, vinda com minha mãe da Maternidade César Cals, situada, ainda hoje, na Praça da Lagoinha. Alguns anos depois, fomos todos ao cais do porto receber minha avó, que também chegaria de Belém para morar conosco. Com uma família que contemplava quatro gerações, começávamos todos nós uma vida nova em Jacarecanga.

A memória da minha infância se (con)funde com a memória da minha casa. Aos olhos de uma criança, ela parecia interminável e perfeita para abrigar travessuras. Além de um primeiro andar, onde ficavam os quartos (com seus respectivos terraços), o banheiro espaçoso e um quarto que servia de depósito, a casa possuía um segundo andar, ocupado inteiramente por um grande mirante. Se escadas subiam até lá, outras desciam do rés do chão para o quintal, e outra, ainda, para um subsolo, onde ficavam as dependências dos empregados.

Para mim, aquele bangalô era mesmo um “palácio”! Imagine o leitor uma casa que possuía jardim, quintal, passagens secretas, quartos escuros e terraços generosos, de onde se podia avistar o horizonte, mas, sobretudo, empinar arraias! A majestade da casa também se revelava nos elegantes frisos das paredes da sala, nas janelas que continham outras janelas embutidas, no tecido floral do sofá, nas cadeiras *chipandele* da sala de jantar, no piano de armário, nos lustres e abajures *art déco*, na cristaleira onde se guardavam *biscuits*, entre tantos outros detalhes da casa que, desde muito pequena, eu não me cansava de contemplar.

A casa possuía duas entradas que demarcavam os seus usos, assim como a sua relação com aqueles que a visitavam. A entrada social se fazia por um pátio extremamente acolhedor, cheio de plantas e pequenas árvores, que ia dar em um caramanchão, quase sempre florido, repleto de trepadeiras que, por sua vez, conduzia, por uma passagem secreta, ao quintal. A casa convidava as crianças a brincar ao ar livre, e aos adultos, às conversas nas cadeiras de balanço. Pela entrada social, chegava-se ao salão de jantar e à sala da televisão.

Do lado oposto, havia uma espécie de entrada de serviço, vizinha à garagem, através da qual se chegava à copa e à cozinha. Vale observar que as salas de jantar “oficiais”, nas casas daquela época, eram utilizadas para cafés, almoços e jantares especialíssimos, o que lhes empresta-

va uma solenidade distante dos outros compartimentos da casa. Na sala das refeições do dia a dia, acontecia o grande movimento da casa. Era também ali que, indefectivelmente depois do almoço, minha bisavó ouvia o rádio, especialmente o programa “Antenas e Rotativas”, onde se informava dos fatos importantes havidos em Fortaleza e no país.

Sempre que me lembro da minha casa em Jacarecanga, as primeiras imagens que me vêm são aquelas relacionadas à mesa. Através do ato de comer e de conversar à mesa, compreendi muito cedo porque os substantivos “casa” e “mesa” eram femininos! Não poderia ser diferente. Minha mãe, avó e bisavó eram paraenses e essa origem amazônica foi fundamental para que eu muito cedo compreendesse que o ato de comer não acontecia pela simples saciedade da fome, mas pelo prazer dos sentidos. Minha casa era, portanto, uma moradia de mulheres paraenses de gerações diferentes, onde cada uma delas possuía o seu papel.

Minha bisavó, por exemplo, cuidava do galinheiro, do jardim, do quintal, de tudo que naqueles canteiros era plantado e, evidentemente, era a grande presença na cozinha! Ela tinha o chamado “dedo verde”, ou seja, o que era plantado por ela crescia com força e rapidez. Das roseiras aos temperos, além, é certo, da engorda das galinhas, perus e de outros bichos, que ela cevava para as grandes ocasiões. O cheiro das pimentas e das pimenteiras ainda está presente no meu olfato, assim como o da erva cidreira.

Na hora das refeições, lá se ia ela colher as pimentas que iriam tingir de vermelho os pratos brancos do almoço. E, em seguida, era o chá de erva cidreira que teria o condão de neutralizar todos os excessos da gula ali ocorridos!

Minha avó era uma mulher sem dotes culinários, mas tinha um grande talento para a gestão dos empregados, a logística e a contabilidade da casa. Era ela a grande responsável pelas compras domésticas e pelo controle severo das cozinheiras, arrumadeiras ou passadeiras que chegavam e partiam, lenta ou rapidamente da casa, em função de sua avaliação. As compras dos nossos materiais escolares também eram feitas pela minha avó, que sempre nos trazia guloseimas e gibis, quando voltava do Centro, que ela chamava de “lá embaixo”...

Embora fosse grande cozinheira, com atividade sazonal nos jantares mais formais, nos dias de festa ou nos aniversários da família, minha mãe possuía, entre aquelas mulheres, a maior das tarefas: era ela a responsável pelos acalantos e pelas histórias contadas na hora de dormir, pelos abraços e colos, pela cumplicidade diante das travessuras e, especialmente, pela nossa educação e formação. Era uma mulher de grande sofisticação intelectual, sempre ávida em descobrir novos escritores, aberta à fruição artística mais inovadora, além de provocadora nas discussões políticas. Era, ainda, uma bibliófila apaixonada, que lia vários livros ao mesmo tempo! Com ela, eu e meu irmão ensaiamos

nossas primeiras letras, antes mesmo da chegada à escola. Tivemos o luxo e o privilégio de, nos primeiros anos de vida, poder contar com uma mãe sensível e sedutora, que nos ensinou muito cedo a gostar dos livros e da leitura.

Havia uma outra dependência daquela casa que possuía um significado especial para a família. Tratava-se do “quarto de hóspedes”. Além dos nossos quartos, o “quarto de hóspedes” possuía uma serventia essencial e contínua em nossas vidas em Jacarecanga porque periodicamente recebíamos visitas de Belém. O ato de receber era uma festa! Os hóspedes sempre traziam consigo os víveres necessários para os almoços e jantares paraenses, que marcaram toda a minha infância. Por isso, cada um deles, ao abrir suas malas, despejava, para a alegria das anfitriãs, “exiladas” no Ceará, as matérias primas inexistentes em terras alencarinas e, por isso, tão cobiçadas por elas: farinha de tapioca, feijão de Santarém, açaí , tucupi, chocolates, polpas de cupuaçu e bacuri, enfim, um sem número de iguarias que chegavam em casa para a alegria de todos.

Vivi minha infância naquele belo bangalô de Jacarecanga, com aquelas mulheres que se dividiam em tarefas quase nunca concorrentes, ao serviço de uma vida tranquila, mas, ao mesmo tempo, repleta de acontecimentos marcantes. Não havia tédio nem dias iguais em Jacarecanga. O leitor dessa narrativa poderia perguntar: “Mas, nessas memó-

rias, onde está o pai?”. E eu responderia como respondeu Murilo Mota na “Casa da minha mãe” (1991, p. 93):

Mesmo que meu pai não estivesse ausente, ele não interferia nos assuntos da minha mãe na administração caseira [...] Naquele território familiar, o pater erradio reinava, mas não governava, função que cabia à minha mãe, que por sua vez não governava sozinha [...]

Naquela casa, meu pai sabia “o seu lugar”. Se à primeira vista, esse lugar poderia parecer desimportante, ele não o era. Pelo contrário. Vivia cercado de confortos e cuidados. Sua autoridade aparecia sempre, em última instância, para dirimir conflitos e estabelecer vereditos. Como representante comercial de vários estados do Nordeste, era obrigado a viajar muito, o que acentuou o papel daquelas mulheres fortes naquela casa, em função das ausências continuadas do meu pai.

Nos anos 60, em Jacarecanga, a casa era o *locus* primeiro das sociabilidades do Bairro. Nesse período não há aniversários, comunhões, batizados e outras datas que não sejam devidamente planejadas, para serem bem comemoradas. Esse calendário é fundamental para a minha infância, já que cada aniversário era preparado com antecedência. Doces, salgados, pratos, sobremesas, cafés da manhã, tudo era feito em casa. O resultado é que a vida se



animava antes, durante e depois das festas, pois a casa era uma espécie de “fábrica de eventos”, que demandava tempo e dedicação das donas de casa. A vida na minha casa era industriosa, pois naquele tempo não havia os confortos atuais das encomendas ou das compras prontas que reduziram e artificializaram nos dias atuais o “tempo da festa”.

Um dos grandes privilégios da nossa casa era a sua situação geográfica. Ela ficava ao final de uma rua, tornando-a sem saída. Morávamos em uma Vila. De forma inconsciente, desde muito cedo descobri que havia naquele lugar uma forma singular de viver, uma espécie de “*ethos* da Vila”. Vivíamos tão juntos e tão entranhados, compartilhando entre nós vivências e (con)vivências, que seria difícil descrever os seus habitantes de forma individual.

A estrutura dos espaços urbanos é, sem dúvida, fundamental para a construção das sociabilidades. Jacarecanga era, por natureza, um bairro de vilas, de ruas sem saída, de espaços afeitos ao encontro e à troca. O mais interessante naquelas vilas era a integração física entre as casas, que conduzia ao compartilhamento dos cotidianos daquelas famílias. Os muros comuns não permitiam o isolamento, a rua sem saída, povoada o dia inteiro por crianças (e não por carros!), servia de espaço aos vários eventos coletivos. Vivíamos em uma comunidade onde tudo circulava, para o melhor e para o pior.

Por outro lado, como os bangalôs obedeciam a uma razoável diversidade arquitetônica, cada casa na Vila representava (especialmente para as crianças) um mundo diferente a ser explorado. A Vila representava a extensão da casa de cada um, um espaço privilegiado para as brincadeiras diárias, os festejos do dia de Reis, as fogueiras de São João, as comemorações do Natal, entre tantos outros acontecimentos que eram festejados ou purgados naquela rua.

O Dia de Reis era o primeiro grande evento do ano. Ao longo da noite, recebíamos a visita de amigos e conhecidos ao som do “aqui estamos em vossa porta, em figura de raposa, nós queremos qualquer coisa...”. Lembro-me dos preparativos da família para receber os convidados que todos os anos batiam em nossa porta, ou ainda, daqueles inesperados. O silêncio da noite na Vila era, nesse momento, entrecortado pelo canto desafinado das “raposas”, que recebiam bebidas e petiscos, dividindo conosco a alegria daquelas madrugadas.

Evidente que a Noite de Reis acabava sendo compartilhada com os vizinhos. E se naquela noite uma casa não havia recebido convidados, em outro momento seria essa casa que nos brindaria com uma outra madrugada musical. A Vila era um lugar perfeito para serenatas! E as serenatas aconteciam de vez em quando, especialmente, quando algumas das adolescentes que ali moravam, começavam a se tornar “moçoilas casadoiras” e, por isso, cortejadas por

rapazes que, em noites de lua cheia, lá vinham cantar serestas embaixo de suas janelas.

Se havia, por exemplo, um aniversário em uma casa, certamente as cadeiras do vizinho acabariam sendo emprestadas para a festa. A mesma solidariedade se expressava em pequenos gestos do cotidiano: meia dúzia de ovos para o bolo, goma para a tapioca, sal para temperar o almoço... Assim, a vizinhança cooperava entre si em situações de urgência ou em outras mais corriqueiras; havia no “*ethos* da Vila” um exercício de partilha extremamente saudável. Essas manifestações de solidariedade faziam de Jacarecanga um lugar acolhedor, no qual o espírito comunitário sobrepujava os pequenos egoísmos ou as visões mais individualistas do viver.

Evidente que essa solidariedade era algo “feliniana”, pois todos os dias ela seria ameaçada por pequenas brigas (às vezes nem tão pequenas assim!) entre os vizinhos. Disputas, fofocas, mal entendidos aconteciam facilmente, frutos da intimidade, ou da quase promiscuidade naquela convivência diária, que contribuía para “apimentar” o cotidiano na Vila. Mas as descomposturas ou os rompimentos acabavam sempre sendo sanados em torno de um café, ou de uma festa próxima, que a Vila sempre haveria de oferecer.

Nas ruas e nas vilas de Jacarecanga se ouvia diariamente os pregões cantados e clamados pelos vendedores. Eles

enchiam de musicalidade o Bairro. Vendedores de vassouras, espanadores, panelas, frutas, leite, pão, sorvete, algodão-doce e da adorável “chegadinha” eram tipos fundamentais para a sociabilidade dos moradores. Mais do que vendedores, esses homens acabavam construindo uma relação afetiva com as famílias que ali se encontravam, que constituíam uma sólida freguesia para os mascates. Lembro-me com carinho do Nicolau, que vinha todos os dias à porta de nossa casa, em sua bicicleta, para vender, em um grande cesto, os seus pães e aproveitar aquele momento para “deitar ali um dedo de prosa” com minha bisavó. Da mesma forma se comportavam o leiteiro, o verdureiro e demais ambulantes, que eram esperados sempre com impaciência e com alegria por todos nós.

Da rua também vinham os mendigos, às vezes retirantes das frequentes secas no estado, que também batiam à nossa porta em busca de ajuda. Pedia-se comida, sobretudo água para beber, muito mais do que dinheiro. Essa relação cotidiana com os pobres do Bairro é uma das lembranças mais importantes da minha infância. Fazia parte do viver a prática do “dom”. Por isso, abria-se a porta de casa aos visitantes, aos mascates, mas, sobretudo, aos pedintes. Havia, mesmo, nas compras para casa, o hábito de reservar mantimentos para os pedintes.

Da rua, uma vez, também chegou uma cachorra viralata à procura de água e comida. Acolhida por todos nós e alimentada cada dia da semana por um vizinho, Julieta

(como nós a batizamos) foi gostando da Vila, e se tornou uma companheira para as nossas brincadeiras. E, por falar em brincadeiras, não havia lugar mais lúdico do que nossa Vila! Do esconde-esconde ao chicote-queimado, da boca de forno aos jogos de amarelinha, ser criança na Vila era, sobretudo, ser livre e compartilhar a vida com outras crianças. Essa perda de espaços para as brincadeiras infantis nas cidades será observada nas crônicas de Otacilio Colares (1980, p. 73):

Tenho dó imenso das crianças da cidade grande dos nossos dias [...] Ando às vezes pela minha cidade, já não no centro, que este é zona de afazeres diários, mas pelas cercanias, em bairros mais distantes, mesmo por subúrbios, e não encontro, para o meu mal, a mínima ressonância que seja daqueles tempos de cidade ainda menina, ingênua como a própria infância [...] Uma das causas de minha tristeza é a ausência, por assim dizer total, do encantatório mundo dos jogos e cirandas infantis, que foram, outrora, a regra comum dos divertimentos, quer de meninos pobres, quer de meninos ricos, de pretos como brancos [...].

Cantigas de roda, cordas e bambolês, jogos de voleibol e futebol, confecção de arraias, produção de colares e pulseiras com as contas das árvores... Eram tantas as brincadeiras na Vila! As cantigas de roda reuniam as

meninas todas as tardes. Impossível me esquecer daqueles momentos! Percebi a força desse vivido quando, mais de vinte anos depois, em Paris, tive minha primeira filha. Para ela eu cantava as cantigas aprendidas na Vila ou na minha casa, as cantigas de roda e as cantigas de ninar que um dia minha mãe também cantou para mim em Jacarecanga:

*Terezinha de Jesus*

*Deu uma queda, foi ao chão*

*Acudiu três cavalheiros,*

*Todos três chapéu na mão.*

*O primeiro foi seu pai,*

*O segundo seu irmão,*

*O terceiro foi aquele*

*Que a Tereza deu a mão.*

Além das cirandas, depois do jantar, tínhamos ainda direito de sentar nos degraus das casas para ouvir histórias. Impossível não lembrar-me da Babá, uma mulher de idade avançada que trabalhava na casa vizinha durante o dia, mas que à noite compartilhava com várias crianças da Vila as suas histórias.

Babá nos dizia sempre que histórias de “trancoso” deveriam ser contadas somente à noite, e nós, crianças, nunca duvidávamos da sua prudência. Assim, esperávamos ansiosamente a hora de ouvir histórias. Sentávamos todos em silêncio para que ela pudesse “debulhar” aquele rosário de narrativas de perder o fôlego! Nesses momentos, não se ouvia qualquer conversa entre as crianças, a não ser sua voz mansa e maternal. Fossem noites de lua cheia ou de lua nova, bichos, princesas, ladrões, sacis, camponeses e florestas entravam pelos nossos ouvidos e olhos, portas escancaradas da nossa curiosidade infantil, e se refestelavam em nossa imaginação para enriquecer e confortar, em seguida, os nossos sonhos e sonhos.

Além da Vila, um dos primeiros espaços de passeio que conheci foi a Praça do Liceu. Desde muito pequena, era levada todas as tardes para a Praça e, aos poucos, fui aprendendo a conhecê-la e a gostar dela. Muitas crianças, assim como eu, também frequentavam aquele lugar. Sua arquitetura lembrava o modernismo dos bangalôs de Jacarecanga. Os tons de cinza eram os mesmos das residências,

assim como os terraços lembravam os mesmos das casas. Bancos, jardins, um coreto e a estátua de Gustavo Barroso adornavam aquele lugar. Na Praça circulavam também, diuturnamente, vendedores de guloseimas para a alegria da petizada. Cercada de instituições importantes para o Bairro (o Liceu, o Corpo de Bombeiros e o Bom Pastor), a Praça também possuía abrigos nos pontos de ônibus, o que também alimentava o seu movimento.

A Praça do Liceu era um espaço de grande sinergia para Jacarecanga. Nela, ainda, eram realizadas solenidades que reuniam os residentes do Bairro, como alvoradas realizadas pelas bandas de música, hasteamento de bandeiras nos dias cívicos, assim como festas e manifestações populares. Como a Vila, a Praça do Liceu representava, para as crianças, a extensão das nossas casas. Mas para os estudantes, operários e demais habitantes do Bairro, a Praça era um espaço de encontro para protestos, greves, indignações e conclamações que exprimiam os conflitos, os interesses e as insatisfações do Bairro.

Praças são espaços fundamentais para a espacialização de expressões culturais, políticas e sociais de uma comunidade. Uma cidade sem praças, que não permite o encontro, a troca, e também o protesto ou o conflito, é uma cidade desumana e insustentável. Praças são espaços fundamentais para uma cidade saudável, aquela que constrói espaços que permitam aos indivíduos exercitar



uma “polifonia” de narrativas sobre si e sobre o mundo. A ausência de praças emudece a cidade.

Não haveria a Jacarecanga, ou melhor, não haveria a Fortaleza dos grandes movimentos sociais do século passado, sem a Praça do Liceu. Por outro lado, minha infância teria sido mais solitária e menos interessante se eu não tivesse crescido naquela praça. Era assim.

## Entre o Bom Pastor e o Morro do Ouro

*Tudo se deu com a cumplicidade da tarde. O sino da capela já chamara para o terço. As mesmas máquinas de costura fechadas no pavilhão do orfanato, sobras de pano e fios pelo chão.*

*Moreira Campos*

O bairro de Jacarecanga dos anos 1950 e 1960 não era somente o lugar de residência dos proprietários de indústrias, profissionais liberais, professores, comerciantes e comerciários. O Bairro era constituído de outros grupos e comunidades que também marcaram profundamente a minha infância. Penso que duas dessas comunidades eram especialmente representativas da diversidade e, ao mesmo tempo, das contradições do Bairro: o Bom Pastor e o Morro do Ouro.

Quando Eduardo Campos escreve a peça “O Morro do Ouro”, dentro de uma trilogia de dramas urbanos (A Rosa do Lagamar e A Donzela Desprezada), realiza, a partir das artes cênicas, uma primeira denúncia social aos destinos que a cidade de Fortaleza começava a tomar, com

o seu aburguesamento. É exatamente na década de 1960 que o teatro cearense retoma o apogeu que havia experimentado na década de 20, tempo de Carlos Câmara e de um teatro produzido no Ceará e reconhecido fora dele.

Ora, a Comédia Cearense nos anos 1960, com Eduardo Campos, B. de Paiva e Haroldo Serra, viverá um grande período de produção artística, graças ao brilho dos seus protagonistas e ao fomento governamental. O Morro do Ouro, entre as primeiras favelas fortalezenses em Jacarecanga, torna-se dramaturgia e estreia em 11 de julho de 1963, com grande sucesso na Cidade:

A peça retrata o conflito de Madalena (o nome é bem apropriado), prostituta do Morro do Ouro, com a chegada repentina da Mãe, beata típica do Cariri. (‘Não quero que ela de repente tenha uma tristeza dessas, de ver a filha prostituta. Haverá coisa pior para uma mãe?’) Em contraponto Zé Valentão, seu amante, contrabandista e marginal, quer de volta a Madalena de antes: (‘É esse vestido esquisito, Madalena, que lhe está transformando. Tire-o! Tire-o enquanto é tempo. Você não é uma senhora’ [...]). Mas Madalena resiste. ‘Eu só tenho medo de uma coisa: do olhar de minha mãe’ [...] Madalena que antes era ‘a quenga do Morro do Ouro, ‘a mulher mais falada da zona’, com a

chegada da mãe: ‘algo me aconteceu’. ‘Perdi o jeito de ser puta’. No final Zé Valentão perde a amante (CAMPOS, 1999, pp. 10-12).

O Morro do Ouro simboliza a face obscura de Jacarecanga. A moral católica presente no Bairro acabará vencedora no roteiro da peça. Afinal, a virtude será mais forte na dramaturgia do que na realidade do Bairro. De qualquer modo, segundo a jornalista Adísia Sá ( in CAMPOS, 1999, p. 13), o “Morro do Ouro” era “um soco bem forte dado no rosto da sociedade”.

Não tenho lembranças das primeiras favelas de Jacarecanga: o Pirambu e o Morro do Ouro. No entanto, conheci o Morro do Ouro pelos que nele viviam e que de vez em quando nos “visitavam” na Vila. Eram os famosos “gatunos”, expressão paraense que minhas avó e bisavó pronunciavam com grande indignação, quando descobriam, geralmente pela manhã, os furtos havidos em nossa casa, ou ainda, quando eram informadas pelos vizinhos da ação dos meliantes em outras casas da Vila. De roupas no varal às galinhas nos quintais, até a entrada nos bangalôs para o furto de joias e dinheiro, os furtos eram maiores ou menores, em função do grau de ousadia do delinquente. Mas não poderia deixar de confessar que devo também a esses homens uma parte inesquecível das memórias das madrugadas que vivi em Jacarecanga.

Em geral, os furtos aconteciam à noite ou, sobretudo, nas madrugadas. A casa furtada imediatamente acionava os vizinhos e a Rádio Patrulha, que era carinhosamente alcunhada de “Rita Pavoni” (sigla comum às duas “entidades”), adentrava a Vila. Nesse ínterim, todas as famílias já estavam na rua a discutir o caso, a descrever o fato, a lamentar o ocorrido, a contar outros casos semelhantes, enfim, a compartilhar, durante horas a fio, aquele acontecimento. As noites em que a “Rita Pavoni” nos visitava eram deliciosas! Nesses casos, considerados especiais, as crianças tinham direito de levantar da cama e ir para a rua com os adultos. Aquelas madrugadas eram mágicas! Aquele vozerio dos vizinhos atravessou inúmeras madrugadas na Vila, afugentando o sono das crianças e demonstrando a força da solidariedade entre seus residentes.

Devo ressaltar que não havia violência física naqueles episódios. Os gatunos do Morro do Ouro eram ladrões de galinhas e de roupas no varal, em sua maioria, tão ingênuos como os personagens do teatro de Eduardo Campos! Por outro lado, a indignação e a revolta dos residentes da Vila naquelas noites seriam consideradas absurdas hoje, diante da Fortaleza violenta e perigosa em que vivemos. Não há como não guardar uma nostalgia daquelas madrugadas em que a Vila discutia com a Rádio Patrulha a necessidade de medidas que garantissem sua maior segurança diante das “ameaças” do Morro do Ouro.

Em oposição ao Morro do Ouro, havia em Jacarecanga um lugar austero e silencioso, onde estive muitas vezes com minha mãe: o Bom Pastor. Era ali que comprávamos, das moças e das freiras, biscoitos de polvilho por elas fabricados. Sempre me perguntei sobre a origem daquelas adolescentes ou o porquê de viverem ali. Mais tarde, entendi que as moças do Bom Pastor eram espécies de “Madalenas” de Eduardo Campos, que haviam engravidado ainda muito jovens, e que acabavam chegando àquela Instituição religiosa para encontrar guarida.

Na hora do *angelus*, bastava abrir as janelas da minha casa para ouvirmos os cânticos entoados por elas durante a missa. Muitas vezes cantavam em latim e, certamente como eu, elas não deviam entender o que cantavam. Mas, havia uma beleza triste naqueles cânticos que entravam pelas janelas naquela hora em que o sol se punha. Com a chegada da penumbra que prenunciava a noite, a aflição que eu sentia encontrava consolo no canto das jovens do Bom Pastor. Era assim.

## A Educação

*Padeiros!*

*O Calendário*

*Do tempo marca afinal*

*O primeiro aniversário*

*Da nossa mãe esp'ritual.*

*Um ano de vida (é incrível!)*

*Completa hoje a Padaria*

*A inimiga mais terrível*

*Que possui a burguesia*

*Padaria Espiritual*

Viver em Jacarecanga significava estudar em Jacarecanga. Desde os quatro anos de idade fui sempre a pé para o Externato São José, onde vivi meus primeiros anos de escola. O Externato era mantido por freiras oriundas da comunidade italiana criada por Rosa Gattorno. Sua pequena dimensão física era ideal para que a humana não se perdesse. Com um ensino artesanal, oferecido em poucas, mas amplas e arejadas salas de aula, o colégio tinha por maior atrativo um grande pátio, sombreado por árvores frondosas, irresistível às brincadeiras durante os recreios.

Lembro, ainda hoje, do meu primeiro dia de aula, da alegria de vestir o belo uniforme bordô (com direito a um chapéu, nos dias de gala!), do encanto ao entrar na sala de aula (com suas pequenas mesas, cadeiras e o quadro verde), da surpresa em ver o meu nome no cabide em que eu deveria pendurar minha “lancheira”. Para os estudantes de hoje, a palavra “lancheira” deve parecer um neologismo, em um mundo onde as cantinas escolares vendem produtos industrializados, em geral de qualidade duvidosa. Naquele tempo, as “lancheiras” transportavam lanches saudáveis, tão artesanais quanto a educação no Externato.

Nos anos seguintes, acabei precisando de uma professora particular. Em Jacarecanga, era também a pé que eu ia para a casa de D. Albertina, uma rígida professora de matemática, cuja memória, ainda hoje, me desperta calafrios. Lembro-me de um final de tarde, em que voltava para casa absolutamente amedrontada com os pitos que havia levado na aula particular. Entrei na Vila, pela mão de uma empregada doméstica, e fui me aproximando de casa. Na varanda, estavam sentados meu pai e minha mãe. Quanto mais me aproximava deles, mais rápidos eram os meus passos e mais eu sentia o coração apertar. Lembro que me joguei em lágrimas no colo da minha mãe e fui consolada longo tempo pelos dois. Essa imagem é uma das mais fortes e belas que guardo da minha infância na Vila.



Grande parte das escolas de Fortaleza, no século passado, era mantida e gerida por instituições religiosas. No entanto, este fato nunca ameaçou a qualidade do ensino. Pelo contrário. Ao longo da minha vida, sempre estudei em estabelecimentos religiosos. Havia neles uma preocupação cotidiana com a formação ampla do indivíduo, onde os valores da ética, do humanismo e do civismo eram difundidos *pari passu* com os valores cristãos. Mais do que o aprendizado formal, esses valores foram o maior legado da minha vida escolar. Por outro lado, o interesse pelos estudos e pela leitura é um desafio que se vence nos primeiros anos de vida e se inicia com o amor que se adquire à primeira escola em que se estudou.

Jacarecanga era o bairro do Liceu do Ceará, que durante décadas foi o colégio símbolo da educação pública em Fortaleza. Sua primeira sede foi construída, ainda no século XIX, na Praça dos Voluntários, antes de ser transferida para Jacarecanga. Para se compreender a importância dessa Instituição, basta conhecer seus ex-alunos. Na virada do século, em 1900, é Gustavo Barroso quem narra a vida naquele colégio, profetizando o seu significado nas décadas seguintes:

Na data da fundação do Liceu, 19 de outubro, assisti a primeira sessão literária de minha vida, presidida pelo dr. Pedro Borges [...] O secretário José de Araújo Domingues Carneiro descerrou o

vêu que cobria o retrato de um lente falecido, dr. José Carlos da Costa Ribeiro, Godofredo Maciel, futuro Deputado Federal, falou pelos estudantes. Aquela festa anual era sempre esperada por todos com grande ansiedade. Evocavam-se com vibração as tradições daquele instituto tradicional de ensino, pelo qual passavam, umas depois das outras, gerações de moços, deixando a lembrança dos que mais se distinguem entre mestres e alunos ligada pelo fio espiritual do amor ao velho Liceu. Parece que hoje ninguém ama coisa alguma. O passado não tem mais eco na alma da mocidade. A tradição estiola-se. O demônio do interesse material e imediatista envenena as almas juvenis (BARROSO, 1989, pp. 194-195).

O comentário de Gustavo Barros é profético. “O demônio do interesse material e imediatista” crescerá, trazendo suas consequências para a Cidade. Esse “demônio” destruirá nos bairros de Fortaleza as pequenas escolas, as pequenas vendas, as pequenas festas, as pequenas sociabilidades comunitárias. O capitalismo avançará, homogeneizando a vida na Cidade, retirando dos bairros suas peculiaridades e seus pequenos mundos.

A mudança do Liceu para Jacarecanga, na década de 30, também contribuiu para o desenvolvimento do Bairro. Inaugurado em 1935, na Praça Fernandes Vieira, que,

depois de 1960, passa a ser denominada Praça Gustavo Barroso (mas, conhecida popularmente como Praça do Liceu), aquela Instituição ofereceu, por pelo menos duas décadas, um prestígio significativo ao Bairro. Grandes nomes do Ceará foram forjados no Liceu, em tempos em que professores eram valorizados, bem remunerados e recebidos pelos governadores da época como autoridades e lideranças. Por outro lado, o colégio era reconhecido pelo rigor nos processos de seleção, tanto dos alunos quanto dos professores.

Fortaleza louvava, no Liceu, o seu compromisso com uma educação humanística. Por isso, não devemos esquecer que, há cem atrás, havia no Ceará uma escola pública na qual, além da Aritmética, Língua Portuguesa e Geografia, estudava-se também Música, Francês, Latim, Filosofia e Sociologia: “O Liceu, até a década de 50, era realmente um Estabelecimento do Ensino, que, guardando as devidas proporções, era uma ‘mini-universidade’ no contexto da educação cearense” (SABOIA, 1995, p. 58).

Escolas, como o Liceu do Ceará, não eram simplesmente estabelecimentos de ensino, funcionavam também como centros artísticos e culturais importantes até meados do século passado. Nesse período, viver no entorno do Liceu significava participar, mesmo de forma indireta, de uma espécie de *haut lieu* intelectual, artístico e cultural que acontecia de manhã à noite, nos dias de aula, mas também nos finais de semana, animando a vida do Bairro:

Os alunos do Liceu possuíam um organismo de natureza cultural, denominado Centro Liceal de Educação e Cultura – CLEC [...] o qual congregava os liceístas que se dedicavam às lides sócio-culturais, mantendo também uma revista intitulada “A Idéia” [...] Tinha o CLEC o respaldo da direção do Liceu, que lhe dava todas as facilidades ao seu trabalho... Era então o elo entre a direção do colégio e os alunos, quando se tratava de assuntos de natureza pedagógica (SABOIA, 1995, p. 87).

Os debates literários que aconteceram desde a fundação do Liceu tomarão amplitude e provocarão impactos positivos em Jacarecanga. A efervescência intelectual que fará nascer, por exemplo, no final do século XIX, no Ceará, o movimento da “Padaria Espiritual”, também estará presente nos debates de natureza ideológica e político-partidária, que acontecerão no Liceu ao longo do século XX. A *anima* revolucionária dos “padeiros”, que protestavam contra o clero, a burguesia e o *main stream*, não esteve distante de Jacarecanga graças ao Liceu do Ceará.

Por isso, não será por acaso que o velho estabelecimento educacional participará dos movimentos culturais e políticos que antecederão e sucederão o golpe militar de 1964. Greves e movimentos estudantis acontecerão em Jacarecanga com o protagonismo dos estudantes do Liceu. Se, nas ruas de Paris, em maio de 1968, pedras eram jogadas

pelos estudantes da Sorbonne para reivindicar uma nova ordem política, social e cultural, o mesmo aconteceria na Praça Gustavo Barroso, em frente ao Liceu, pelos seus alunos. As influências francesas não se resumiriam à moda ou à estética urbana. Jacarecanga reagiria, do seu pequeno mundo, aos grandes acontecimentos mundiais.

A partir dos anos 60, o Liceu começa a perder sua relevância socioeducacional no Bairro e, por conseguinte, na Cidade. Com o crescimento demográfico de Fortaleza, a Instituição perderá sua hegemonia face às outras escolas. O tamanho da cidade não permitirá a um só colégio a educação dos filhos de suas elites. Novas escolas surgirão em outros bairros da Cidade, enquanto o Liceu perderá seu lugar de distinção na paisagem educacional e cultural da cidade. A decadência do Liceu será também a decadência de Jacarecanga. Era assim.

## O Trabalho

*Ao aplicar ao urbanismo os princípios fordianos-tayloristas do mundo industrial, apenas criam, com a sua planificação urbana[...].  
Uma paisagem de subúrbios  
“desumanizados” e sinistros.*

*Gilles Lipowetski*

**J**acarecanga sofrerá transformações urbanas decorrentes dos seus processos de industrialização. O riacho Jacarecanga, que atravessava bucolicamente a avenida Francisco Sá nas primeiras décadas do século XX, será aos poucos esquecido, em função das novas necessidades do Bairro. Serão as linhas férreas, para o transporte de cargas, que passarão a atravessar a mesma avenida, dando-lhe uma outra roupagem e uma nova ambiência. Novos tempos. E o que representarão?

As famílias Gentil e Philomeno Gomes poderiam simbolizar o início dos processos de industrialização do Ceará. Os bairros do Benfica e de Jacarecanga (de onde estas são oriundas) representam, para a história urbana de

parte do século XX, os bairros mais importantes da Fortaleza. É o que narra Beatriz Gentil Philomeno Gomes:

As lembranças que tenho de Jacarecanga são as mais floridas da minha vida, apesar de eu ter tido uma infância maravilhosa no Benfica, entre mangueirais e com uma vida familiar maravilhosa. Meus pais, João e Sara Gentil, eram muito unidos e nos deram uma educação muito carinhosa. Meu avô construiu sua casa no Benfica, onde hoje está a reitoria da Universidade Federal do Ceará, mas também foi responsável pelo crescimento do Bairro, que passou a ser conhecido como Gentilândia. Mas, com 17 anos eu me casei e vim para Jacarecanga.

O casamento, em 1941, de Beatriz Gentil com Francisco Philomeno Gomes coincide com o crescimento industrial de Jacarecanga. Os industriais vivem no mesmo Bairro em que constroem suas fábricas. Apesar das fábricas, Jacarecanga guarda uma paisagem bucólica:

Cheguei em Jacarecanga em 1941 e encontrei um bairro onde me senti muito acolhida. Morávamos na Avenida Francisco Sá ao lado das minhas cunhadas e do meu sogro, Pedro Philomeno Gomes. Muitos amigos moravam na vizinhança. Éramos uma família! Jacarecanga era um bairro muito agradável. Nada das dificuldades de hoje em dia. Eu ia diariamente à missa bem cedo, na

maior sem-cerimônia no Bom Pastor, e às vezes ia à pé para a Igreja do Patrocínio. Não havia qualquer perigo! Em tempos de lua cheia, eu e o Chico montávamos em cavalos na porta de casa e íamos até Parangaba visitar amigos! Essa era a Jacarecanga dos anos 40.

No seu relato, dona Beatriz Gentil Philomeno Gomes reconhece os inúmeros talentos do sogro, Pedro Philomeno Gomes, especialmente, no que se refere ao desenvolvimento do Bairro:

Meu sogro era um empreendedor, um pioneiro da indústria cearense. Também era um construtor que teria gostado de ser arquiteto, pois tinha grande prazer em criar plantas de casas, hotéis e outras edificações. Lembro da casa dele, de projeto arquitetônico muito interessante, com um grande jardim e uma piscina sempre aberta às crianças do Bairro. Ele era uma pessoa extraordinária.

Pedro Philomeno Gomes era mesmo um homem extraordinário e Jacarecanga lhe deve muito. Nasceu em Sobral em 1888, iniciando suas atividades empresariais no ramo de fumos preparados, em 1909, como sócio do pai (Francisco Philomeno Ferreira Gomes) e irmãos, na firma Philomeno Gomes & Filhos, proprietária da Fábrica Iracema (VIANA; NIREZ, 1991).



Por volta de 1922, a Philomeno Gomes & Filho, firma sucessora da anterior, constrói uma pequena fábrica de óleos vegetais e sabão em Jacarecanga, onde já funcionava a Fábrica Iracema (VIANA, 1994). Com o falecimento de seu pai, em 1923, surgirá uma nova empresa a partir do início de 1924: a Philomeno Gomes & Cia., com um capital de 400 contos de réis. Em 1928, em sociedade com seu irmão Francisco Otávio Philomeno Ferreira Gomes, com um capital social de 1.000 contos de réis, inaugurará a Fábrica S. José em amplo edifício próprio, abrangendo uma área de 10.000 m<sup>2</sup>, no bairro de Jacarecanga. A fábrica achava-se aparelhada de maquinismos modernos, de fabricação inglesa, alemã e norte-americana, com capacidade para 6.800 fusos e 250 teares, ocupando 300 operários, sob a direção de técnicos ingleses (VIANA, 1988). Em 1934, a Fábrica São José era a maior fábrica de tecidos do Ceará, possuindo 1.000 operários e consumindo 1.000.000 kg de algodão (Ibidem). A fábrica dispunha, ainda, de oficinas mecânicas, de fundição e de serviços de assistência social, com 180 casas na vila operária.

A década de 1940 pode ser considerada a “época de ouro” da indústria têxtil de algodão do Ceará (VIANA, 1988); período em que a indústria têxtil cearense exportava para o exterior. Seus tecidos, durante e após a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, poderiam ser encontrados em alguns países das Américas Central e do Sul e África.

No final da década de 1940, a firma Gomes & Cia. Ltda. instala a primeira usina termoelétrica privada do Ceará, para suprir de energia elétrica a Fábrica S. José. Essa usina desempenhou fundamental papel também para o fornecimento de energia para a cidade de Fortaleza (VIANA, 1988). Por outro lado, a extração de madeiras na Fazenda Guarany, no município de Pacajus, que fora comprada com a finalidade de suprir de lenha a referida usina termoelétrica, serviu de inspiração para torná-lo o pioneiro do cultivo sistemático de cajueiros no Brasil. Ali, além da plantação inicial de 200.000 pés de caju, introduziu ele, também, a cultura do eucalipto e de outras espécies vegetais no Ceará (GOMES, 1988).

Pedro Philomeno atuou no setor imobiliário (Imobiliária Pedro Philomeno Ltda.), construindo casas de luxo, prédios de apartamentos e hotéis em Fortaleza, como o Lord Hotel, situado à Praça José de Alencar, e do Iracema Plaza Hotel, o primeiro estabelecimento desse gênero a se localizar na orla marítima de Fortaleza. Foi, ainda, sócio-fundador e primeiro presidente da Companhia Ceará de Seguros Gerais.

Além das atividades empresariais, também desempenhou funções político-partidárias e classistas: foi vereador de Fortaleza, de 1916 a 1920, pelo Partido Republicano Conservador Cearense (PRCC). Dois de seus genros foram políticos de grande destaque no Ceará: Stênio Gomes da Silva foi Governador do Estado e Acrísio Moreira da Rocha, Prefeito de Fortaleza (GOMES, 1988).

Como vemos, as famílias responsáveis pelo desenvolvimento industrial do Ceará também produzirão as lideranças políticas do estado. A história moderna de Jacarecanga não poderia ser escrita sem a necessária conexão com a biografia de Pedro Philomeno Gomes.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento industrial do Bairro provocará a substituição dos bondes pelos ônibus. O empreendedorismo de Pedro Philomeno Gomes provocará o surgimento de novas formas de transporte e, em consequência, da Companhia de Ônibus Jacarecanga de Oscar Pedreira.

Seu Oscar, como todos nós o chamávamos, residia com dona Francisquinha, sua mulher, além de duas irmãs solteironas, Alzira e Amélia, na avenida Francisco Sá, praticamente na entrada da Vila em que eu morava. Sua casa era magnífica com varanda generosa e amplos jardins equipados de balanços. Muitas vezes eu lá estive, pelas mãos da minha avó, que de vez em quando visitava as irmãs Pedreira para o café da tarde. O terreno da casa era tão generoso que, além da garagem para os ônibus, possuía quartos para os motoristas e cobradores.

A partir das quatro e meia da manhã, ouvíamos diariamente em casa o movimento do seu Oscar a acordar os motoristas: “João! Pedro! José!”. Assim, antes mesmo do cantar dos galos, Oscar Pedreira punha em movimento

a sua empresa. Quando converso com meu pai sobre seu Oscar, ele sempre me lembra do temperamento sanguíneo daquele homem, tão distante dos padrões assépticos de gestão, hoje tão festejados. Seu Oscar sempre praguejava contra os cobradores. Dizia que todos eles eram “uns aproveitadores”, “uns ladrões” que mentiam sobre a receita obtida naquele dia de trabalho! No dia seguinte às ofensas, estava ele paternalmente a acordá-los para trabalhar. Era assim.

## O Lazer

*O entrudo era a sublevação, a licença na sua  
mais alta expressão, o desaforo  
e a porcaria triunfal.*

*João Brígido*

João Nogueira afirma, nas suas Crônicas sobre Fortaleza Velha (1980, p. 87), que “os cearenses sempre tiveram um dinheirinho amarrado na ponta de um lenço, para comprar um momento de diversão”. No Jacarecanga em que vivi, as sociabilidades de rua eram fundamentais para os cotidianos daqueles que ali residiam. A rua era lugar para se trabalhar, para se divertir, mas também para se “vagabundear”. Essa expressão possuía em Jacarecanga os significados que Walter Benjamin emprestaria à figura do “flaneur”, ou seja, do indivíduo que encontra na vida urbana um espaço de contemplação e fruição.

Uma das qualidades de um bairro é o de permitir, ou melhor, de propiciar uma vida pública aos seus residentes. Se o lazer dos mais abastados se dará em Fortaleza, tradicionalmente, nos clubes de recreação, para grande parte

da população as ruas eram o lugar maior dos encontros. Se algumas festas populares são parcialmente apropriadas por esses clubes (como o Cearense, o Iracema, o Maguari, o Náutico, o Country, o Ideal), esses não ameaçam a vitalidade das festas de rua. Jacarecanga também possuía o seu clube social. Tratava-se do Clube Barra do Ceará, que frequentávamos aos finais de semana e onde meu pai e minha mãe gostavam de jantar e de encontrar amigos. No período do carnaval, lembro-me que eles frequentavam os bailes do Country Club, mas nunca deixamos de participar dos carnavais de rua. Nasci e cresci observando e admirando a beleza das rainhas dos maracatus cearenses, que desfilaram, durante décadas, na avenida Duque de Caxias. Esses homens pintados de preto representam parte das imagens mais bonitas da minha infância.

Além do carnaval, as festas juninas (com suas fogueiras e quermesses), as celebrações do Dia de Reis, as novenas e procissões eram exemplos da efervescência das ruas de Jacarecanga, que reuniam os seus habitantes em torno dos mesmos ritos e das mesmas tradições. Vale observar que essas festas produziam o encontro de camadas sociais as mais diversas, fato demonstrativo da vitalidade do Bairro. Além das festas, os largos recebiam os circos, que apareciam periodicamente em Jacarecanga, para a alegria da criançada. As memórias desses pequenos circos são extremamente importantes no meu imaginário infantil.

Sem sofisticações tecnológicas ou animais exóticos, os circos de rua eram teatros infantis. As imagens dos palhaços, malabaristas e trapezistas desses pequenos circos sempre povoaram a minha imaginação.

Minha relação com a praia, enquanto espaço de lazer, acontece em Jacarecanga a partir dos meus primeiros veraneios na Barra do Ceará. Lembro que havia casas de pescadores para alugar e, mais de uma vez, estive com minha família desfrutando daquela aventura, que consistia em atravessar de barco para o outro lado do Rio Ceará, carregando cestas de mantimentos para passar férias na praia. Entre as imagens mais bonitas que guardo comigo da Barra do Ceará estão as noites absurdamente estreladas e a minha bisavó a boiar tranquilamente naquela foz do Rio, como se estivesse a flutuar em um dos igarapés paraenses de sua infância!

O cinema entrou muito cedo na minha vida pelas mãos do meu pai e da minha mãe. Além das matinais dos cinemas de rua do Centro (como o São Luiz, o Diogo, o Art), muitas vezes eu fui a pé ao Cine-Teatro Familiar, vizinho à Igreja Nossa Senhora das Dores, com a professora e as colegas do colégio. Saíamos todos os alunos em fila para assistir a um filme que mais tarde seria discutido na sala de aula. Bons tempos aqueles!

Dizemos que o século XXI é o século do lazer e do ócio criativo, e as cidades vêm criando equipamentos cada

vez mais importantes para que se possa desfrutar cada vez mais do tempo livre. Assim surgiram shoppings, centros culturais e demais espaços fechados, onde, em nome da segurança e da integridade dos indivíduos, o lazer custa caro e, por isso, é acessível a poucos. Em Jacarecanga dos anos 60, grande parte do lazer estava na rua. Sorte a minha! Era assim.



## A Partida para a Aldeota

*A arte de perder não é nenhum mistério.  
Perdi duas cidades lindas.  
E um império que era meu, dois rios,  
e mais um continente.  
Tenho saudade deles.  
Mas não é nada sério.*

*Elizabeth Bishop*

Não lembro exatamente quando meu pai e minha mãe anunciaram a nossa partida para a Aldeota, no início dos anos 70. Mas nunca me esqueci da alegria e dos planos que faziam para a vida na nova casa, apesar das preocupações com as dívidas, ainda a serem pagas, pela realização do sonho da “casa própria”. E ter uma casa própria na Aldeota naquele tempo era um motivo mais do que legítimo para festejar! O bairro que nascia era cobiçado por muitos fortalezenses e, especialmente, por grande parte das famílias de classe média e alta oriundas de Jacarecanga.

Durante os dois últimos anos em Jacarecanga, a mais importante atividade de lazer da nossa família era a de

visitar, inicialmente, o terreno em que a casa seria construída, em seguida, suas fundações, depois o levantamento da construção, por último, a casa parcialmente concluída, com suas salas que brilhavam e faziam um barulho engraçado, por causa do sinteco novo. Moraríamos muito perto da TV Ceará de Assis Chateaubriand. Não parecia excitante?

Não para mim, nem para o meu irmão. E foi com grande desalento que me despedi das amigas da Vila. O consolo, naquele momento, era saber que todos os vizinhos também já se preparavam para partir, o que me fazia pensar que nós nos reencontraríamos na Aldeota, o que nunca aconteceu.

Mudamos para a avenida Antônio Sales, com a casa ainda por ser terminada. Lembro que meu pai, ao escolher entre os números que lhe foram sugeridos, aquele que serviria à nova casa, optou pelo número 1833, o mesmo da nossa casa em Jacarecanga, em uma tentativa de levar para a Aldeota alguma coisa do que havíamos deixado para trás.

Sempre imaginei que nossa mudança para a Aldeota representava uma grande traição a Jacarecanga. Esse sentimento despertava, cada vez que soube da demolição de suas vilas, casarões e bangalôs. Era assim.

## Jacarecanga e a Memória do Futuro

– [...] Fala-me de outra cidade – insistia.

– ...Sire, já falei de todas as  
cidades que conheço.

– Resta uma que você jamais menciona.

Marco Polo abaixou a cabeça.

Veneza – disse a Khan.

Marco sorriu.

– E de que outra cidade imagina que  
eu estava falando?

O imperador não se afetou.

– No entanto, você nunca citou o seu nome.

E Polo:

– Todas as vezes que descrevo uma cidade digo  
algo a respeito de Veneza.

– Quando pergunto das outras cidades, quero  
que você me fale a respeito delas. E de Veneza  
quando pergunto a respeito de Veneza.

*– Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza.*

*– Então você deveria começar a narração de suas viagens do ponto de partida, descrevendo Veneza inteira, ponto por ponto, sem omitir nenhuma das recordações que você tem dela.*

*– As margens da memória uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo.*

*Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco.*

*Ítalo Calvino*

Desde que saí de Jacarecanga, poucas vezes ali voltei e muito raramente ao Bairro me referi. A partir dos anos 80, a cidade foi se tornando, sobretudo, em função da minha vida profissional, muito mais o objeto das minhas preocupações do que o lugar dos meus afetos.

Em função da minha vida acadêmica e das passagens pela gestão pública, nunca deixei de estudar Fortaleza,

de compará-la com outras cidades, enfim, de querer contribuir para transformá-la. Mas, foi somente ao ler “As cidades invisíveis”, de Calvino, que compreendi o meu silêncio a respeito de Jacarecanga. Percebi que sempre temi perder aquele lugar. Por isso, ao longo da minha vida, acabei guardando Jacarecanga só para mim, como se faz quando se tem um tesouro muito valioso:

‘Inventa-se’ um tesouro porque se decidiu cavar num determinado local, com base em lendas, em tradições, numa convicção ‘subjéitiva’. Mas, ao cavar, o que se encontra existe ‘objetivamente’, seja qual for o contexto cultural que determinou seu aparecimento [...] (Prigogine in KASTRUP, 1999, p. 23-24).

Com o passar do tempo, as memórias de Jacarecanga foram se fundindo e se (con)fundindo, em função das minhas caminhadas mundo afora. Assim, “reinventei” inúmeras vezes Jacarecanga, que foi se transfigurando ao sabor de outras vivências, (con)vivências e (sobre)vivências:

[...] a invenção não opera sob o signo da iluminação súbita, da instantaneidade. Esta é somente sua fenomenologia, a forma como ela se dá à visibilidade. A invenção implica uma duração, um trabalho com restos, uma preparação que ocorre no avesso do plano das coisas visíveis. Ela é uma

prática de tateio, de experimentação [...] Ela não é corte, mas composição e recomposição incessante (KASTRUP, 1999, p. 23).

Jacarecanga foi para mim o meu “sonho feliz de cidade”, como um dia escreveu Caetano Veloso, funcionando como uma espécie de “teia de Ariadne”, que me conduziu, especialmente, nos momentos em que me senti perdida em outras cidades. Procurei silenciosamente Jacarecanga em cada bairro de cada cidade em que vivi e, como o Marco Polo de Calvino, ao perceber qualidades em algumas dessas cidades, eu o fazia a partir das virtudes de Jacarecanga.

Quando, em 2003, eu me tornei Secretária de Cultura do Ceará, tive finalmente boas razões para voltar a Jacarecanga. Mais do que isso, tinha ali uma tarefa específica: dar continuidade e reavivar o projeto da Escola de Artes e Ofícios que a Secretaria da Cultura havia começado a instalar no palacete Thomaz Pompeu Sobrinho. Tenho um imenso orgulho de ter liderado o restauro do palacete e a estruturação da Escola, especialmente para os jovens de Jacarecanga.

A partir de 2006, voltei a me ausentar de Fortaleza para viver novos desafios profissionais. Como boa cearense, nasci nômade, habituada ao movimento e disposta sempre a me adaptar a mudanças. Devo muito a Jacarecanga, que me ajudou a decifrar e a ressignificar o meu eterno

nomadismo. Nunca mais voltei ao Bairro, mas sempre retorno à minha “Jacarecanga imaginária”, seja em momentos de estranhamento com Fortaleza, seja nas minhas viagens turísticas ou profissionais, seja, ainda, na expectativa de novas mudanças que ainda farei para outras cidades. É assim e assim será.

## Apêndice

### Uma vila em Jacarecanga

Por Jayme Leitão

Cheguei a Fortaleza em 1958, vindo de Belém, terra de minha mãe e sua família, onde eu tinha nascido no ano anterior. Meu pai era de Fortaleza e recebeu uma proposta profissional para voltar à sua terra, depois de alguns anos de idade adulta residindo no Rio e em Belém, onde conheceu minha mãe, e lá se casou. Na vinda para Fortaleza, nos acompanharam avó e bisavó maternas, trazendo a culinária e o caldo cultural paraense que nunca nos abandonou. No ano seguinte, nasceu Cláudia, minha irmã, já cearense legítima.

Chegando a Fortaleza, meu pai alugou um bangalô na segunda vila do seu Pedro Philomeno, no início da avenida Francisco Sá, talvez 100 metros após a Praça do Liceu. Empresário de sucesso e industrial precursor no ramo têxtil, no beneficiamento de castanha de caju, entre outros, Pedro Philomeno tinha pendor para o setor imobiliário, construindo suas vilas de bangalôs e mesmo hotéis como



o Lord Hotel e o Iracema Plaza, todas obras com arquitetura identificável e personalíssima, visualmente agradável, com referências náuticas e ao *art déco*, mas de linguagem funcional, compatível com a época em que começava a engatinhar a moderna arquitetura brasileira.

Meu pai era representante comercial e viajava de 2 a 3 semanas ao mês, e nosso bangalô, no coração do Jacarecanga, era um matriarcado paraense espaçosamente instalado na última casa da vila, que tinha 4 bangalôs de cada lado, com uma via de acesso central que terminava num *cul de sac* ao fundo da vila, em frente às duas últimas casas – no caso, a nossa e a de nosso vizinho, o falecido Edmar Sá. Essa bela disposição nos mantinha afastados do tráfego da Francisco Sá e transformava essa via de acesso numa espécie de *playground* e área de convivência de moradores e vizinhos dos arredores, especialmente crianças. Vivi no Jacarecanga de 1958 a 1969, quando nos mudamos para a nova casa que meu pai construiu na avenida Antonio Sales, na ainda longínqua Aldeota, num movimento em direção ao leste que passou a ser uma característica do processo de urbanização de Fortaleza, fugindo da área industrial no bairro Carlito Pamplona e pulando o centro, procurando as áreas arborizadas da Aldeota e da Estância. Era natural que esse movimento provocasse a decadência do Jacarecanga, que se acentuou da década de 70 em diante. E essa corrida para o leste, nos anos seguintes, marcada pela explosão

demográfica de Fortaleza e pelo esvaziamento do nosso sertão, cuja população de 1958 para cá mais que triplicou, foi a fonte dos gravíssimos problemas que a cidade passou a enfrentar, e que preenchem a crônica dos dias que correm.

Mas voltemos aos nossos anos 60, com o bairro de Jacarecanga vivendo sua fase final de prestígio, onde ainda residia a elite econômica da sociedade da época. Era, por definição, um bairro essencialmente bonito. As calçadas eram arborizadas e sombreadas de *ficus benjamin* (ai de quem derrubasse uma árvore!), e o ordenamento urbano era de inspiração francesa, como a maioria das capitais brasileiras do início do século XX, com a Praça Gustavo Barroso, o prédio vermelho do Corpo de Bombeiros e o vizinho Liceu Cearense, com árvores, bancos e o indefectível coreto. Poucas famílias tinham carro, e se tivessem, dificilmente teriam mais que um. Andava-se a pé, raras vezes de táxi (chamado ao telefone) e quase sempre de ônibus. Não se temia por segurança, ninguém tinha qualquer receio de ser assaltado, e o mais perto que se chegava de uma ocorrência policial era a dos ladrões de galinhas, então criadas nos quintais. As noites silenciosas eram marcadas pelo apito do vigilante do bairro (mas o que ele vigiava?), e os galos despertavam a todos. Grande parte dos bens de alimentação eram entregues de porta em porta por vendedores ambulantes, de quem minha avó e bisavó eram “freguesas”: o peixeiro com suas siobas, cavalas e ariacós,

o açougueiro, o padeiro Nicolau que trazia os pães e entregava o leite da vizinha Padaria Continental, do português Emídio, ao lado do Liceu, e assim por diante com galinhas, perus, patos, verduras, frutas, cuscuz, algodão, chegadinha, quebra-queixo, pirulitos em tábua e por aí vai...

Além desses mascates, cujo relacionamento se construía na constância e na confiança, minha avó e bisavó também tinham uma lista de pedintes, quase que catalogados, que diariamente passavam para pegar uma esmola, ou alimento. Eram pobres, mas muito longe da miséria indigente que as drogas trariam anos depois. Era um bairro e uma vida construída em torno de uma teia de relações, todas reais, presenciais, restringindo-se a tecnologia aos telefonemas, geralmente dados pelas minhas matriarcas para conversar, sem nada muito urgente a tratar que não a tessitura dessas relações em tempos bem menos vertiginosos e mais gentis. E as relações de vizinhança permitiam que fôssemos amiúde, e recebêssemos também pedidos de xícaras de manteiga, açúcar ou café, que depois eram rigorosamente devolvidos. Não que a vida parasse: vi, ainda garoto, ecos do golpe de 64 nos protestos dos estudantes do Liceu, que aproveitaram para depredar os ônibus ainda com carroceria de madeira do seu Oscar Pedreira, ouvia bossa nova e os Beatles no rádio, já tirando espaço dos boleros e sambas-canção, via o otimismo de um país que ameaçava despertar com o sorriso de JK. E a estabilidade

demográfica permitia a manutenção de um modelo urbano civilizado e de uma convivência mais harmônica entre o cidadão e Fortaleza.

E o Jacarecanga ainda era bafejado pelo mar, tão próximo, ao lado da Igreja dos Navegantes e da Escola de Aprendizizes Marinheiros. Muitas vezes fui com minha avó e bisavó a missas na igrejainha ao lado do trilho, e depois descíamos até o mar, antes de voltarmos para a vila, caminhando calmamente e sem qualquer tipo de cuidado ou preocupação. Durante os dois primeiros anos de estudo, em 1963 e 1964 – jardim de infância e 1º ano (‘pulei’ a alfabetização) – estudei no colégio das irmãs de Sant’ Ana, quase na diagonal da Praça do Liceu; naturalmente, com 5 a 6 anos de idade, eu ia a pé, geralmente acompanhado de uma empregada ou de quem estivesse disponível, e não poucas vezes chegava mesmo a ir sozinho.

A arquitetura dos bangalôs tinha a marca da complexidade simpática das obras de Pedro Philomeno: eles tinham subsolo (aproveitando o desnível para o quintal dos fundos); térreo, onde ficavam as áreas de estar e jantar, copa, cozinha, garagem, terraços e caramanchão; primeiro pavimento, onde ficavam os quartos, terraços espaçosos e a sala de banho; e finalmente um inacreditável mirante que tomava todo o último pavimento, com uma pequena área coberta como se fosse um deck. De lá se viam as árvores do Bom Pastor, que ficava atrás de nossa casa, e o som dos

cânticos religiosos que as irmãs exercitavam com as internas desamparadas com frequência espartana – creio que o excesso de treino acabava por polir o coral feminino, e o som era suave e agradável.

E nós vivíamos o bairro num raio de ação que ultrapassava a Vila, indo até a vila vizinha, com partidas de futebol com times de cada uma delas, com festas de São João, com andanças na casa do seu Chico Philomeno, aonde íamos com o neto dele, Philomeno Júnior, para tomar banho de piscina (!). E festas de Natal, e os meninos da vizinhança reunidos na escada do terraço frontal do bangalô vizinho ao meu, embaixo de um grande pé de flamboyant, ouvindo as histórias contadas pela babá, uma octogenária, grande mascadora de fumo, que tinha cuidado das crianças da família e que era um verdadeiro arquivo vivo de histórias de Pedro Malazartes e de Bicho Manjaléu, com uma audiência atenta que só se interrompia para entregar na cozinha o pão que havia chegado, ou para pedir um trocado para a chegadinha ou para um picolé Kimel...

E os bangalôs tinham túneis, escadas, vãos, terraços surpreendentes, paredes internas tratadas com gesso pintado em cores, como se vê na sala de projeção do Cine São Luís. Como arquiteto, aprendi nessa infância vivida a importância da riqueza espacial e do recanto, às vezes relegada por uma visão modernista simplista do espaço limpo, aberto, sem surpresas. E parte sagrada da minha rotina era

sentar numa cadeira ao lado da estante de livros na sala de piano, onde postigos laterais davam para o terraço e o caramanchão, e os de fundo davam para o quintal, um nível abaixo, de onde vinha o canto das meninas arrependidas do Bom Pastor. Uma forte miopia, que só foi descoberta incidentalmente anos depois, já na casa da Antônio Sales, foi um incentivo a uma infância com menos futebol e mais leitura, da minha coleção de gibis da Ebal ao Monteiro Lobato sempre revisitado, de Machado de Assis a Jorge Amado, de Erico Veríssimo a Dickens, passando pelos contos de Guimarães Rosa – e sempre relendo *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Tanto melhor, mas quando finalmente vi o mundo com nitidez, já não recuperei o gosto pelos jogos de bola. Boa troca, a ação pela imaginação, imaginar o que não se vê com a leitura.

Lembro-me da chegada da televisão, a TV Ceará canal 2, que funcionava poucas horas por dia com farta e variada programação local e alguns enlatados americanos, mas nada que nos afastasse dos terraços da vila e da convivência com os colegas. Vivíamos o bairro e a cidade, andando em grupos pelos casarões em volta, subindo nos mirantes para empinar papagaio, merendávamos nas casas dos vizinhos, conversávamos nas varandas nas noites à luz de vela em que faltava energia, o que não era raro, entrávamos nas bodegas para comprar cocada, acompanhávamos as avós para as visitas certas às outras avós vizinhas:

é difícil pensar nesses anos sem um pesar no cotejo com o que Fortaleza se tornou. Lembro-me, ainda, numa sessão de cinema no São Luís, no noticiário da Atlântida, quando uma reportagem mostrou a praça do Ferreira, destacando o narrador que Fortaleza atingia seu primeiro milhão de habitantes. A plateia veio abaixo em orgulhosos aplausos, ainda sem perceber o que isso viria a significar no futuro...

E não havia supermercados ou *shoppings*, sendo o centro de Fortaleza o lugar obrigatório de toda compra mais específica, sendo o comércio do dia a dia pulverizado na grande rede de bodegas e mercearias, que empregavam mão de obra em muito maior quantidade, geralmente com o proprietário morando no pavimento de cima. Éramos crianças de classe média que vivíamos a cidade, indo aos mercados e mercearias, transitando pelo centro e por suas lojas, expostos ao vento e à convivência com a cidade e suas esquinas.

Então, meu pai construiu a casa da Antônio Sales e nos mudamos em 1969, quando eu tinha meus doze anos. Foi um choque. A avenida larga e calçamentada, comprida e sem praças, sem vilas, com ainda raras casas, já determinava uma maneira completamente diferente de viver o bairro: a vida passou a ser dentro da casa e de seu quintal, sem a convivência civilizada da vila e do bairro de Jacarecanga. A casa era moderna, com paredes lisas e planta racional, e que eu achava sensaborona quando comparada

ao meu bangalô de túneis, escadarias e paredes adornadas. Voltei várias vezes a Jacarecanga, pegando um ônibus até a praça do Liceu, indo passar o dia na casa de colegas para viver de novo a proximidade do bairro, que marcou de forma tão feliz a minha infância.

Lembro-me de ter pedido a meu pai, não poucas vezes, para compreensível contrariedade dele, que voltássemos para a casa antiga, que ele vendesse a nova e comprasse o bangalô, a vila, a praça. Essas visitas foram rareando, meus amigos foram se mudando, e minhas conexões, perdendo-se. Voltei a ter amigos do Colégio Santo Inácio que iam em nossa casa, mas jamais vivenciamos as relações de vizinhança que a vila nos proporcionou. Incrível a capacidade que a configuração espacial e a arquitetura podem ter sobre a convivência das pessoas e sobre o perfil das comunidades. Jacarecanga passou, mas deixou em mim a marca boa e idealista dos melhores anos de minha vida. Quem sabe um dia tenhamos isso de volta, em condomínios que não sejam murados – e onde os vizinhos nem por isso se falam ou convivem. Quem sabe não se aproxima a hora de reverter por aqui o processo de degradação urbana e passemos a recuperar o espírito de convivência urbana que vivi em Jacarecanga. A cidade é tudo. Sem uma cidade que nos acolha, nos resta o descontentamento, a solidão, o desamparo, a vida estreita e egoísta. Salve, Jacarecanga!



## Referências Bibliográficas

ALENCAR, José de. *Iracema: Lenda do Ceará*. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

AZEVEDO, Sânzio de Azevedo. *Breve História da Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

BARROSO, Gustavo. *Memórias de Gustavo Barroso*. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1989.

BENEDITO, Francisco. *Caminhando por Fortaleza*. Fortaleza: Destak – Gráfica e Editora, 1999.

BEZERRA, Antônio. *O Ceará e os Cearenses*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

BRÍGIDO, João. *A Fortaleza em 1810*. Fortaleza: Edições UFC, 1979.

BRUNO, Arthur; FARIAS, Airton de. *Fortaleza: Uma Breve História*. Fortaleza: INESP, 2011.

CAMPOS, Eduardo. *Teatro Volume II*. Fortaleza: UFC Casa José de Alencar Programa Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. *Estudos de Folclore Cearense*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

CAMPOS, Moreira. *Dizem que os Cães Vêem Coisas*. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

COLARES, Otacílio. *Crônicas de Fortaleza e do Siará Grande*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

DIAS, Milton. *Cartas sem Resposta*. Fortaleza: S/E, 1974.

GOMES, F. de. A. Philomeno. *Centenário de Nascimento de Pedro Philomeno Ferreira Gomes (1888-1988)*. Fortaleza, s. ed., 1988.

GOMES, Beatriz Gentil Philomeno. *Entrevista I* [fev., 2015]. Entrevistador: Claudia Sousa Leitão. Fortaleza, 2015. 1 arquivo .mp3 (30 min).

LEITÃO, Cláudia Sousa. *Memória do Comércio Cearense*. Fortaleza: Editora Senac Nacional, 2001.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Fabiano dos (org.). *Seminário Cultura XXI: Seleção de Textos*. Fortaleza: Secult, 2006.

LEITÃO, Jayme Sousa. *Uma vila em Jacarecanga*. Texto na íntegra encontra-se transcrito no Apêndice.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *O Capitalismo Estético na era da Globalização*. Lisboa: Edições 70, 2014.

LIRA NETO. *O Poder e a Peste: A vida de Rodolfo Teófilo*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1999.

\_\_\_\_\_. *História Urbana e Imobiliária de Fortaleza: Biografia Sintética de uma Cidade*. Fortaleza: Braga, 2014.

MOTA, Murilo. *A Casa de Minha Mãe*. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1991.

NOBRE, Geraldo da Silva. *A Capital do Ceará*: Fortaleza, UFC Casa de José de Alencar Programa Editorial, 1997.

NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

NOVAES, Adauto (org.). *Mutações: A Experiência do Pensamento*. São Paulo: Sesc SP, 2010.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860 – 1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993.

SABÓIA, Boanerges. *O Liceu que eu conheci*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1995.

SILVA, José Borzacchiello da. *Nas Trilhas da Cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. *Humor, Vergonha e Decoro na Cidade de Fortaleza (1850 – 1890)*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secult, 2009.

SILVA, Nilze Costa e. *Fortaleza Encantada*. Fortaleza: Premium, 2011.

VIANA, C. N.; NIREZ. Fábrica Iracema – origem de um capítulo de 90 anos da história industrial do Ceará. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 04 jan. 1991.

VIANA, C. N. *A indústria têxtil de algodão do Ceará (1881-1973): uma experiência de industrialização fora do centro-sul*. Brasília, 1973. 319 p. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade de Brasília, UnB, 1988.



Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no outono de 2015.  
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.  
O papel do miolo é pólen 90g/m<sup>2</sup>, e o da capa é cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.